

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

O desafio de retomar os mitos e reencantar o mundo a partir do Sumak Kawsay [The challenge of resuming myths and re-enacting the world from Sumak Kawsay]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Sbardelotto, Moisés
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-06 19:27:29
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/160441

O desafio de retomar os mitos e reencantar o mundo a partir do Sumak Kawsay

Tatiana Roa Avendaño, ativista e ambientalista colombiana, defende que o *sumak kawsay* permite aos países latino-americanos retomar a utopia de que outros mundos são possíveis

POR MOISÉS SBARDELOTTO | TRADUÇÃO MOISÉS SBARDELOTTO

Em contraponto a uma visão de mundo desencantada, colonizada e europeizada, o *Sumak Kawsay*, ou Bem-Viver, para os índios andinos, é a expressão de uma retomada de um horizonte de vida almejado por esses povos há milhares de anos.

Para ativista e dirigente ambientalista colombiana Tatiana Roa Avendaño, o *Sumak Kawsay* “nos desafia a estabelecer outras relações com a natureza e entre os seres humanos, a recuperar o diálogo que os povos tradicionais tiveram com a terra”. Por outro lado, é uma ética de vida que nos ajuda a “entender as identidades culturais dos diversos sujeitos sociais que integram esses países”.

Por isso, nesta entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Avendaño afirma que a retomada dessa proposta ética nas Constituições da Bolívia e do Equador nos últimos anos é “o reconhecimento das propostas de atores sociais que tradicionalmente foram invisibilizados e deslegitimados pelas elites do poder” e que hoje “exigem seu reconhecimento e sua participação, defendendo assim o respeito à diferença do pensamento não ocidental”.

Ela explica que o paradigma ocidental - diferentemente do *Sumak Kawsay* - tem duas referências: o mito bíblico do Jardim do Éden e a visão aristotélica da Boa Vida. Porém, o *Sumak Kawsay* ou *suma qamaña* “desafia-nos a construir um novo paradigma civilizatório que nos leve a enfrentar as crises ambiental e social que a humanidade sofre”.

Na prática, defende, nos desafia a superar a ideia de homogeneização cultural que foi construída com a ideia de nação. Porém, ela nos deixa a pergunta: “Como conseguir isso?” Uma possível resposta encontra-se na superação da abstração, da separação e da oposição entre sujeito e objeto, entre fins e meios, que não existe na cosmologia andina. Por isso, é preciso retomar os mitos, afirma Avendaño e reencantar o mundo, retomando a imaginação, a dependência mútua entre seres humanos e natureza, a afinidade, a interdependência.

Tatiana Roa Avendaño é engenheira, ativista e dirigente ambientalista colombiana. É membro da equipe de trabalho do CENSAT Agua Viva - Centro Nacional Salud Ambiente y Trabajo, em Bogotá, Colômbia, fundado em 1989, e da ONG Amigos de la Tierra Colombia. Também está vinculada à Universidad Andina Simón Bolívar (Equador), no Mestrado de Estudos Latino-Americanos - Política e Cultura. Como ambientalista, promoveu campanhas contra a exploração petrolífera e a mineração, e em defesa da água, da vida e do patrimônio natural e cultural. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são os aspectos centrais dos conceitos indígenas *Sumak Kawsay* (quéchua equatoriano) ou *Suma Qamaña* (aimará boliviano) e como surgem historicamente?

Tatiana Roa Avendaño - O *Sumak Kawsay*, como fundamento das cartas constitucionais da Bolívia e do Equador, representa uma alternativa de repensar as relações entre os seres humanos e a natureza. Ele coloca-nos

diante da encruzilhada de estabelecer um novo contrato social que recupere as relações éticas entre os seres humanos. O Viver Bem nos propõe um novo horizonte de vida, que não pode ser assumido a partir de uma noção monocultural.

Com a modernidade, as sociedades tradicionais foram desagregadas. Os Estados buscaram articular estas por meio de processos de cultura de

massa, de processos de construção de Estados-nação, o que pressupõe a homogeneidade cultural. Porque, como nos propõe Renato Ortiz, “a modernidade não é apenas indústria, também é nação”.

O processo de modernização associado ao progresso e ao desenvolvimento, por sua vez sinônimo de vida boa no mundo ocidental, tem levado à urbanização da terra. A lógica mo-

derna é a fábrica, é a cidade, e nela a pobreza, as favelas, a contaminação e a destruição da natureza. O bem-estar do Ocidente está associado à competição, à liberdade e ao indivíduo.

Perante essa realidade, o *Sumak Kawsay* nos desafia a estabelecer outras relações com a natureza e entre os seres humanos, a recuperar o diálogo que os povos tradicionais tiveram com a terra, mas também nos desafia a entender as identidades culturais dos diversos sujeitos sociais que integram esses países. De alguma forma, teríamos que superar a noção como foi assumida pelos cientistas sociais e os políticos assumiram. Estes idealizaram a existência de uma nação homogênea, na qual a diversidade estaria orgânica e, se possível, harmonicamente articulada ao todo.

IHU On-Line - O bem viver, recentemente, entrou no debate político sobre as Constituições do Equador e da Bolívia. O que significa o resgate dessa ideia no atual momento político e histórico da América Latina?

Tatiana Roa Avendaño - As novas constituições da Bolívia (2007) e do Equador (2008) incorporaram o conceito de Viver Bem ou *Sumak Kawsay* como um eixo articulador de suas cartas magnas. Dessa forma, ele representa uma alternativa, pois propõe as relações entre os seres humanos e a natureza, propõe-nos um novo horizonte de vida e uma alternativa frente à noção monocultural da atual cultura ocidental.

A incorporação do *Sumak Kawsay* ou *suma qamaña* nessas constituições andinas é o reconhecimento das propostas de atores sociais que tradicionalmente foram invisibilizados e deslegitimados pelas elites do poder, que exigem seu reconhecimento e sua participação, defendendo assim o respeito à diferença do pensamento não ocidental. Há décadas, esses atores sociais têm demandado o reconhecimento dos territórios coletivos, de outros sistemas de crenças, de outras formas de administração da justiça, em geral, de outras formas de compreender e assimilar o mundo.

Sem dúvida, nesses países andinos,

“O *Sumak Kawsay* nos coloca diante da encruzilhada de estabelecer um novo contrato social que recupere as relações éticas entre os seres humanos”

deu-se um passo importante: é a busca de setores tradicionalmente subalternizados que vêm fazendo rupturas para desocidentalizar e descolonizar o pensamento. No entanto, o que foi expressado nas novas constituições - a plurinacionalidade, o conceito de bem-viver - deve ser a base para a construção de alternativas, mas deve se fundamentar em um processo plural, e de forma alguma unidirecional. Não é possível uma única rota, nem um único ator. Deve ser um processo participativo, deve incluir a maior quantidade de setores.

O *Sumak Kawsay* no centro dos debates constitucionais de dois países andinos foi muito importante, dentre muitas outras coisas porque nos permitiu retomar a utopia de que outros mundos são possíveis.

IHU On-Line - O que o Bem-Viver pode nos ensinar em um momento de crise ambiental e climática? Qual relação com a natureza ele nos ensina a ter?

Tatiana Roa Avendaño - É importante fazer a distinção e evidenciar as diferenças que existem entre os conceitos ocidentais de boa vida ou bem-estar e viver-bem, *Sumak Kawsay* ou *suma qamaña* dos povos ameríndios andinos.

O paradigma ocidental do Bem-Viver tem duas referências: o mito bíblico do Jardim do Éden e a visão aristotélica que liga a vida na cidade. Dessa forma, o conceito de viver bem no Ocidente estabelece diferenças substanciais com o paradigma do

Bem-Viver andino.

A primeira e central delas é a separação que o Ocidente estabelece com relação à natureza. A boa vida de Aristóteles é concebida como desligada do mundo natural, é assumida como a vida na cidade, nas *polis*. Fora dela está o incivilizado, a vida do campo, da agricultura, a vida na floresta. É essa a concepção que tem aprofundado a crise ambiental atual.

A natureza não foi só domesticada, mas também transformada, manipulada, urbanizada, mercantilizada. Nada escapa dos circuitos do capital: a água, as florestas, os alimentos, a vida, os genes, a atmosfera. Os processos de destruição das bases naturais são tão agressivos que se está pondo em risco a própria existência da humanidade.

IHU On-Line - Em uma sociedade globalizada e mundializada, como o Bem-Viver entende a noção de alteridade e de comunidade?

Tatiana Roa Avendaño - O *Sumak Kawsay* implica em rupturas importantes, de um lado porque nos propõe a necessidade de provocar profundas transformações nas relações sociais, mas também nas relações com a natureza. O bom viver ou viver bonito poderia contribuir para a articulação das alternativas que são construídas a partir das experiências das mulheres, dos índios, dos negros, dos agricultores e dos ambientalistas, mas também daquelas que são construídas a partir dos movimentos urbanos e de jovens, a partir dos trabalhadores e trabalhadoras, a partir do movimento pela diversidade, para que se possa superar a fragmentação e a setorização das propostas.

O *Sumak Kawsay* ou *suma qamaña* nos propõe um novo horizonte de vida, desafia-nos a harmonizar na realidade nossas relações com a natureza. Isto é, construir a partir daí um novo paradigma civilizatório que nos leve a enfrentar as crises ambiental e social que a humanidade sofre.

No caso equatoriano, a incorporação do bem-viver na constituição levou a uma espécie de transculturação de um conceito que, embora provenha das cosmovisões dos povos ame-

ríndios andinos, foi introduzido na Constituição como “direitos do bom-viver e regime do bom-viver” (Título VII da Constituição Política). Isto é, ligado aos direitos liberais: acesso à água, ao alimento, ao trabalho, à saúde, ao meio ambiente sadio, à cultura, à informação e à comunicação, estabelecidos em acordos e tratados internacionais, como a carta dos direitos humanos universais e o Pacto Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, direitos de segunda e de terceira geração.

Mas, sem dúvida, o *Sumak Kawsay* não está sendo concebido de forma excludente ou pensado apenas para um único setor da sociedade. Ele foi incorporado levando em consideração essa diversidade. Na prática, ele nos desafia a superar a ideia de homogeneização cultural que foi construída com a ideia de nação. A pergunta é: como conseguir isso?

IHU On-Line - A modernidade ocidental tem provocado grandes mudanças no campo e na agricultura. Como entender a relação com a terra a partir do Bem-Viver?

Tatiana Roa Avendaño - De acordo com a cosmovisão andina, vivemos em um mundo vivo e vivificante, um mundo de criação, onde cada um desfruta sua vida ao criar e deixar-se criar. Somos seres, famílias em permanente criação. Essa noção de vida é integral, complexa e holística, simbiótica. No mundo andino, não há lugar para a abstração, para a separação e para a oposição entre sujeito e objeto, entre fins e meios. Como disse o boliviano Javier Medina, “o mundo somos nós mesmos”.

No entanto, sobre essa noção de respeito e de compreensão da natureza e da vida como tecidos em permanente evolução, impôs-se a visão do Ocidente, que rompeu os fios entre natureza e cultura, natureza e sociedade, alma e corpo, céu e terra. O mecanicismo cartesiano substituiu a noção de mundo andino pela de uma máquina, e esta, de acordo com Capra, “tornou-se a metáfora dominante da era moderna”. Essa descrição mecânica da natureza tornou-se o paradigma dominante da ciência no

“A incorporação do *Sumak Kawsay* ou *sumaqamaña* nessas constituições andinas é o reconhecimento das propostas de atores sociais tradicionalmente invisibilizados e deslegitimados pelas elites do poder”

período posterior a Descartes.

Com o Iluminismo, impôs-se a razão humana, com o propósito de combater a ignorância, a superstição e, com isso, libertar os seres humanos do medo, já que os espíritos e demônios nada mais são do que o reflexo de seres humanos que se deixam amedrontar pela natureza. A dissolução dos mitos significou o desencantamento do mundo, a derrubada da imaginação por meio da ciência.

A visão cartesiana do universo como um sistema mecânico outorgou uma permissão por meio da ciência para a manipulação e a exploração da natureza, que foi imposta pela cultura ocidental. O que o ser humano deve fazer é se adonar e possuir a natureza, e, para isso, o conhecimento científico seria determinante.

Ao contrapor céu e terra, alma e corpo, cultura e natureza, cimentou-se a espoliação sem limites da natureza. Ao romper-se a dependência mútua entre os seres humanos e a natureza, a afinidade foi transformada em antagonismo; a interdependência, em dominação.

Pelo contrário, o *Suma Kawsay* implica em uma estreita relação com a terra, com as fazendas onde florescem a vida e o alimento, com o cuidado e a criação dos animais com a festa no trabalho coletivo, no mutirão. O *Su-*

mak Kawsay andino está associado à vida em comunidade. A vida doce ou a vida bonita dos povos andinos nos propõe um mundo austero e diversificado, em equilíbrio com a natureza e com o mundo espiritual.

IHU On-Line - Você defende o *Sumak Kawsay* como expressão da descolonização do poder. Em que sentido?

Tatiana Roa Avendaño - Para falar do Bem-Viver como processo de descolonização do poder, devemos refletir sobre o papel desempenhado pelos movimentos sociais indígenas, negros, camponeses, de mulheres, de ambientalistas e de operários, para que esse conceito - assim como outros que o integram: o direito da natureza, o direito à água, à soberania alimentar, o estado palurinacional - seja realidade. Devemos reconhecer que são elas e eles os verdadeiros protagonistas dessas lutas contra-hegemônicas, aqueles que trabalham na construção de alternativas frente à homogeneização das culturas e da vida.

A força das reivindicações de participação política dos povos da América tem sido determinante para que as sociedades americanas incorporem elementos de “um pensamento não ocidental” e “deseuropeizante”, não só em algumas cartas constitucionais, mas também dentro das reivindicações do movimento social continental, chegando inclusive a permear outros movimentos sociais do planeta. Assuntos como a administração de justiça comunitária, a interculturalidade e a plurinacionalidade, as novas relações entre os seres humanos e a natureza, os direitos da natureza, os territórios coletivos, os outros sistemas de crenças são expressões da ruptura que, a partir dos setores tradicionalmente subalternizados, têm desocidentalizado e descolonizado o pensamento, o ser e o saber.

IHU On-Line - Na América Latina, vivemos em regiões com uma natureza muito rica e abundante. Como o Bem-Viver se coloca diante das noções de abundância e acumulação?

Tatiana Roa Avendaño - O *Sumak Kawsay* é um esforço para reconhecer as contribuições e os conhecimentos mi-

lenares dos povos de *Abya-Ayla* para enfrentar o maior desafio que a humanidade tem: a crise ambiental que ameaça a própria existência da humanidade, e cuja máxima expressão são as mudanças climáticas. Por isso, a necessidade de propor novamente as relações entre os seres humanos com a natureza leva necessariamente a uma ruptura com a imposição neoliberal de desenvolvimento e de crescimento econômico, implica e, “superar o capitalismo como sistema social e histórico”, como bem expressa Evo Morales, presidente da Bolívia.

As mudanças climáticas - que nada mais são do que a expressão de uma crise de uma sociedade que se sustentou em um modelo de civilização no uso de combustíveis fósseis e que provocaram o maior desastre ambiental da história da humanidade - não podem continuar sendo enfrentadas a partir de soluções de mercado, como propõe a Convenção de Mudanças Climáticas e o Protocolo de Kyoto¹. Para enfrentar os problemas modernos, requerem-se soluções não modernas, diz Boaventura dos Santos.

Por essa razão, enfrentar a crise climática a partir de novas relações com a natureza leva-nos a escutar o chamado dos povos indígenas, que se opõem à exploração petrolífera, como o povo u’wa, que, por mais de uma década, manifestou sua oposição aos projetos petrolíferos no seu território. As propostas que são construídas no Equador com o [parque nacional] Yasuni² de deixar o petróleo debaixo da

1 Protocolo de Kyoto: consequência de uma série de eventos iniciada com a Toronto Conference on the Changing Atmosphere, no Canadá (outubro de 1988), seguida pelo IPCC’s First Assessment Report em Sundsvall, Suécia (agosto de 1990) e que culminou com a Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança Climática (CQNUMC, ou UNFCCC em inglês) na ECO-92 no Rio de Janeiro, Brasil (junho de 1992). Também reforça seções da CQNUMC. Constitui-se no protocolo de um tratado internacional com compromissos mais rígidos para a redução da emissão dos gases que agravam o efeito estufa, considerados, de acordo com a maioria das investigações científicas, como causa antropogênicas do aquecimento global. (Nota da IHU On-Line)

2 Sobre o tema, leia a matéria “Acordo histórico. ONU e Equador criam fundo para proteger a Amazônia contra exploração de petróleo”, publicada nas Notícias do Dia do sítio do IHU em 05-08-2010, disponível em <http://migre.me/16009>. Trata-se de uma iniciativa considerada histórica, em que as Nações Unidas e

“Setores tradicionalmente subalternizados vêm fazendo rupturas para desocidentalizar e descolonizar o pensamento”

terra representam soluções reais para as mudanças climáticas.

Os u’wa dizem que o petróleo é *ruiria*. Para esse povo andino, *ruiria* é o sangue da Terra, da Mãe, da *Pachamama*; *ruiria* é sagrado, até porque, sem o sangue, o planeta morrerá. Seguir extraindo petróleo, como atualmente a sociedade ocidental faz, é caminhar inexoravelmente para a morte.

Reduzir os níveis de consumo de hidrocarboneto a zero implicará em transformações totais e concretas na atual civilização. O Bem-Viver não é simplesmente um discurso bonito: é um desafio para assumir profundas transformações em nossas sociedades; é assumir um novo paradigma civilizatório; implica no desafio de harmonizar na realidade nossas relações com a natureza; implica em pôr em prática o reconhecimento dos direitos da natureza; desafia-nos a ouvir as sabedorias de nossos ancestrais; abre-nos a possibilidade para uma descolonização profunda, para um diálogo com a natureza e para reconhecer a sua dimensão espiritual.

IHU On-Line - Há alguma relação entre o *Sumak Kawsay* e o conceito de *Yvy marã ei* (terra sem males) dos guarani? É possível incorporar esses princípios filosóficos e espirituais dos povos indígenas originários na cultura atual?

Tatiana Roa Avendaño - Claro, cada povo indígena que construiu o governo equatoriano fecharam um tratado pelo qual o país receberá US\$ 3,6 bilhões em troca de deixar intacta uma área de proteção ambiental na Amazônia. (Nota da IHU On-Line)

a sua própria visão de mundo mais estreitamente ligada à terra se aproxima de outros em seu sentido espiritual, em suas relações harmoniosas com a natureza e no trabalho comunitário.

Trata-se então de ouvir as propostas surgidas a partir da periferia de nossas sociedades, a dos negros e das negras das nossas costas do Pacífico, do Atlântico e do Caribe, a dos índios andinos e amazônicos, a dos agricultores e agricultoras protetores de sementes e cuidadores da água, a dos índios mesoamericanos, a das mulheres, a dos xamãs, a dos taitas, a dos werjayas e de todos nossos avôs e nossas avós que nos ensinaram suas sabedorias e as de tantas outros seres anônimos que, apesar do avassalamento a partir da chamada conquista, garantiram que, ainda hoje, existam diversidade de línguas, de culturas, de espiritualidades, de conhecimentos e de saberes, e de tantas outras formas de nos aproximar e entender o mundo.

Investigar as sabedorias do pensamento indígena, africano, mestiço talvez nos leve a não exigir a construção de nada “novo”, como bem disse o colombiano Adolfo Albán, mas sim a “reconhecer e revitalizar e, certamente, traduzir tudo aquilo que ainda existe como barbárie, exotismos, saberes, fazeres e folclore”.

LEIA MAIS...

Veja o que já foi publicado no sítio do IHU sobre o conceito de Bem Viver:

- *Bolívia. 25 postulados para entender o ‘Viver Bem’*. Matéria publicada em 09-02-2010 e disponível em <http://migre.me/16MAN>
- *O ideal da suma qamaña. Os indígenas e a nova Constituição da Bolívia*. Entrevista com Xavier Albó, publicada em 14-07-2010 e disponível em <http://migre.me/16MBB>
- *Fóruns públicos discutem ‘Bem Viver’ em países andinos*. Matéria publicada em 04-08-2010 e disponível em <http://migre.me/16MDE>
- *O princípio ganha-ganha*. Matéria publicada em 06-08-2010 e disponível em <http://migre.me/16MEX>